

OPERAÇÃO TRÊS PASSOS (1965): MOVIMENTO NACIONALISTA DE ESQUERDA INSURRECIONAL DE RESISTÊNCIA CONTRA A DITADURA MILITAR BRASILEIRA*

Leomar Rippel

Email: leomarrappel@hotmail.com

RESUMO: Este capítulo consiste numa análise dos fatos ocorridos no sul do Brasil no início de 1965, quando um grupo armado, autointitulado Forças Armadas de Libertação Nacional, liderado pelo coronel nacionalista de esquerda, exilado do exército brasileiro, Jeferson Cardim de Alencar Osório, comandou a Operação Três Passos, primeiro movimento de insurreição armada, contra a ditadura militar brasileira. Alguns integrantes do grupo partiram do exílio no Uruguai para Campo Novo-RS, ali angariaram mais pessoas e, realizaram ações de apropriação de armamentos em alguns destacamentos da Brigada militar e delegacias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, para em seguida, se deslocaram para o estado do Paraná, onde foram interceptados, presos e torturados pelas tropas do Exército em Capitão Leônidas Marques, Oeste paranaense. Mesmo reconhecendo a importância da Operação Três Passos como movimento de resistência contra a ditadura militar brasileira, ficou evidente sua fragilidade organizacional no primeiro e único confronto que teve com as tropas do Exército.

Palavras-chave: Operação Três Passos, nacionalismo, insurreição armada.

1. Alguns apontamentos sobre nacionalismo brasileiro

Pode-se afirmar que o nacionalismo foi uma terminologia utilizada desde o golpe militar de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder, contudo, os debates mais acalorados em torno dele datam principalmente nos anos de 1950 até início de 1960, sendo que, seu uso nesse período, foi muito comum e utilizado por múltiplas concepções políticas, no projeto de desenvolvimento econômico brasileiro. De tal maneira que “grupos civis ou grupos militares defendendo determinada noção de nacionalismo como o verdadeiro nacionalismo em contraste com outras noções de nacionalismos consideradas falsas” (KUNHAVALIK, 2009, p. 136). Porém de acordo com Vânia Losada Moreira, “o ingrediente nacionalista, por si só, serve muito pouco para qualificar e explicar os projetos sociais historicamente em disputa no Brasil” (2003, p. 169).

Pertinente destacar também que o nacionalismo está muito vinculado e por vezes confundido com o desenvolvimentismo do contexto pós 1930, pois o nacional-desenvolvimentismo, possui neste período suas origens. Bielschowsky aponta para o conceito de desenvolvimentismo como “a ideologia de superação do subdesenvolvimento nacional com base numa estratégia de acumulação de capital na indústria” (1996, p. 250). O período que compreende 1930 a 1945, se caracterizou pela “limitada tomada de consciência da problemática da industrialização por parte de uma nova elite técnica, civil e militar, que se instalava nas instituições de orientação e controle implantadas pelo Estado centralizador pós-1930” (BIELSCHOWSKY, 1996, p. 250).

* DOI

O período que se estende de 1948 a 1952, Bielschowsky se refere como um momento de amadurecimento do desenvolvimentismo, nesse sentido, o autor apresenta alguns motivos para que houvesse o processo de amadurecimento, em primeiro lugar seria o reaparelhamento econômico, resultante que “desde os últimos anos de guerra, era utilizada para designar a necessidade de ampla reposição de bens de produção na economia brasileira” (1996, p. 316). De tal maneira “1948-52 foi um período áureo da ideologia do nacionalismo econômico, aquele da campanha nacionalista do petróleo” (BIELSCHOWSKY, 1996, p. 317). Na mesma perspectiva Lucilia Neves Delgado afirma que desde o período pós-1930 até o golpe militar de 1964, o nacionalismo “pode ser considerado uma das características mais significativas de uma conjuntura histórica e, portanto, um de seus substratos” (2007, p. 361).

Como mencionado acima, o movimento nacionalista era plural, como pode ser visto na Frente Parlamentar Nacionalista, constituída por vários partidos políticos, tais como o PTB, PSD, PCB e até mesmo a UDN. No entanto, o nacionalismo com aspectos populares se fortaleceu após a campanha “O Petróleo é nosso”, pois com a “a criação da Petrobrás, em 1953, coroou de sucesso as jornadas em defesa do petróleo nacional. Desde então, o nacionalismo se identificou, cada vez mais, com a ideia de apoiar um processo de desenvolvimento centrado nas ‘forças sociais e econômicas da nação’” (MOREIRA, 2003, p. 170). Ainda para Vânia Maria Losada Moreira, durante o período de 1946 a 1964, o nacionalismo pode ser dividido em duas correntes, uma que ela denomina de nacional-desenvolvimentismo, e a outra nacionalismo-econômico, sendo que a primeira estava mais vinculada ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), e a segunda, mais vinculada aos grupos de esquerda e de caráter popular. O movimento nacionalista se mobilizou pelas questões como a “industrialização, a presença do capital estrangeiro, a reforma agrária e o pacto social e político que deveria orientar e sustentar o processo de ‘desenvolvimento nacional’” (MOREIRA, 2003, p. 170).

Apesar de interessante a interpretação sobre as duas tendências de nacionalismo mencionado por Moreira, avaliamos que a tendência do nacionalismo econômico denominada pela autora, poderia ser substituído por nacionalismo autônomo e reformista, de modo que tal tendência propunha, defendia e propagava as reformas de base, e principalmente a reforma agrária, para superar o subdesenvolvimento brasileiro. Além do mais, poderíamos mencionar mais uma tendência, os antinacionalistas¹, que foi se constituindo após a Segunda Guerra Mundial, e se consolidando após a criação da Escola Superior de Guerra (ESG), dentre seus representantes estava o general Juarez Távora, que defendia a participação do capital estrangeiro no desenvolvimento econômico brasileiro, como na exploração do petróleo.

Os nacionalistas autônomos e reformistas propunham uma “aliança dos ‘setores sociais populares’ (proletários, camponeses e progressistas) na defesa da industrialização e de reformas estruturais, sobretudo a agrária, para viabilizar a elevação do padrão social e econômico da população brasileira” (MOREIRA, 2003, p.

¹ Não será possível fazer uma reflexão aprofundada sobre essa tendência, mas dentre seus principais expoentes estavam os seguintes militares: Cordeiro de Farias, Juarez Távora, Idálio Sardenberg, Goubery do Couto e Silva, Antônio Carlos da Silva Murici, Emílio Rodrigues Ribas Júnior, Jurandir de Bizarria Mamede, Ernesto Geisel, Rodrigo Otávio Jordão Ramos, Edmundo Macedo Soares e Eduardo Domingues de Oliveira.

172). De modo que, o objetivo principal dos nacionalistas autônomos e reformistas “não seria a industrialização, mas a melhoria da qualidade de vida da população rural e urbana. Entendiam que os maiores obstáculos a esses objetivos eram o capital internacional e os latifundiários e a burguesia nacional vinculada ao capital estrangeiro” (KUNHAVALIK, 2009, p. 148).

A Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), fundada em 1956 por parlamentares de diversos partidos políticos inclusive alguns vinculados a UDN, passou a ter cada vez mais projeção a partir de 1961, ocasião da posse de João Goulart na presidência da república, “a FPN contribuiu enormemente para a difusão das teses nacionalistas, reformistas e desenvolvimentistas, tanto nos poderes Executivo e Legislativo em nível federal, como também na sociedade civil” (DELGADO, 2002, p. 363)”. Nesse mesmo sentido, o “recrudescimento do nacionalismo, resultante do avanço das esquerdas, contribuía para acender o debate sobre as perspectivas de longo prazo da economia brasileira, ao estimular a discussão sobre a afirmação econômica e política da nação” (BIELSCHOWSKY, 1996, p. 410). Com a chegada de Jango à presidência em 1961, frações nacionalistas e de esquerda, começam a pressioná-lo, para conduzir às reformas de base, dentre “os que defenderam tais posições, destacaram-se o movimento sindical, particularmente o Comando-Geral dos Trabalhadores, as Ligas Camponesas, a UNE, setores subalternos das Forças Armadas e a Frente Parlamentar Nacionalista” (KUNHAVALIK, 2009, p. 149).

As disputas dos projetos de desenvolvimento econômico brasileiro não ficou restritos as organizações da sociedade civil, ela também penetrou os quartéis. Um dos espaços privilegiados para as discussões foi o Clube Militar, os anos 1950 e início de 1960, foram de debates acalorados entre os militares nacionalistas e os antinacionalistas tanto para a disputa da diretoria do clube, quanto para discutir os problemas econômicos, sociais e políticos brasileiros. A revista do Clube Militar, foi um importante veículo de divulgação e defesa tanto para a corrente nacionalista, quanto para a antinacionalista, em abril de 1949, os editores da revista escreveram acerca da siderúrgica de Volta Redonda, dizendo que,

Volta Redonda é a menina dos nossos olhos, é o suporte poderoso dos nossos entusiasmos patrióticos, é uma clarinada de esperanças e de certezas em meio a tantas nuvens pardacentas que sombreiam os nossos horizontes. Quando tudo em derredor nos aparece envolto nas cores da dúvida ou do desalento, quando os pessimistas destilam o seu desânimo, os cínicos e os espertalhões apregoam a nossa incapacidade e defendem o nosso agrarismo colonial, quando forças econômicas estrangeiras conspiram contra a nossa indústria – a usina levanta-se diante do Brasil e aponta-lhe o caminho do futuro, e ensina-lhe a lição do patriotismo atuante e libertador. [...] Agora, o de que se trata é de defendê-la contra as maquinações dos trustes de aço, contra todos os fatores negativos, de natureza interna ou externa, que conspirarem contra seu funcionamento (REVISTA DO CLUBE MILITAR, nº 96, abril de 1949, p. 03).

Percebe-se que os editores da revista estavam tecendo críticas contra quem defendia que o Brasil deveria ter uma economia pautada em produtos primários, e na industrialização associada e dependente, ou seja, estavam deixando sua posição contrária a estrangeirização da economia brasileira. No mês de junho, o editorial da revista escreve que o povo brasileiro e as Forças Armadas deveriam estar alertas em relação a certos raciocínios quando se analisa a atual situação econômica do país, o mesmo editorial faz uma acusação contundente contra aqueles que atrelavam o subdesenvolvimento brasileiro, a incapacidade e a inferioridade do povo brasileiro, nesse sentido, segundo o editorial, quem pensava assim eram derrotistas e colonialistas, e isso conduzia a uma percepção de que o Brasil deveria ser tutelado.

Fazendo uma crítica aberta aos que defendiam a subalternização do Brasil ao capital internacional, enfatiza: “Somos incapazes. E se o somos, entreguemo-nos a um que seja capaz. Não temos, dentro de nós mesmos, energia e ciência para solucionar nossos problemas. E se não as temos, arrimemo-nos a um poderoso, que possua a força e que seja armado do saber” (REVISTA DO CLUBE MILITAR, nº 98, junho de 1949, p. 11). No mesmo editorial, prossegue em tom irônico dizendo que “felizes como vassallos, já que não podemos sê-lo como senhores. Tal estado de espírito vive rondando em torno de nós. E precisa ser combatido, violentamente combatido”, nesse sentido, temos “que olhar o povo brasileiro como ele realmente é: uma vítima das condições geográficas pouco favoráveis e de condições socioeconômicas atrasadas e iníquas” (REVISTA DO CLUBE MILITAR, nº 98, junho de 1949, p. 11).

2. O exílio dos civis e militares nacionalistas brasileiros no Uruguai

Após o golpe militar, o primeiro escalão do governo deposto de João Goulart, e seus principais aliados procuraram asilo político em Montevideu capital do Uruguai. Também nesse país, se exilou Leonel Brizola e centenas de civis e militares perseguidos pela ditadura militar brasileira. O exílio no Uruguai residia em vários fatores, entre os quais, a proximidade com o Brasil, as históricas vinculações do país vizinho “com a política, economia e cultura do Rio Grande do Sul, a reconhecida tradição democrática e republicana do Uruguai, bem como a primazia do respeito à norma constitucional maior e a percepção de saber-se protegido” (PADRÓS, 2014, p. 98). Porém, o autor acrescenta que esses “atributos, entretanto, deixavam o Uruguai na mira da nova ordem brasileira, que colocou seu aparato repressivo e seu corpo diplomático em permanente estado de alerta” (PADRÓS, 2014, p. 98).

É mister destacar que ao longo da ditadura militar brasileira, outros países também foram utilizados como preferenciais para o asilo político de brasileiros que queriam se manter organizado, como México, Bolívia, mas sobre tudo Chile e Argentina. Mas ao Uruguai foram atraídos em grande quantidade partidários de Leonel Brizola e João Goulart que lá estavam. Com o golpe militar e a instauração da ditadura militar no Brasil, muitos de seus opositores civis foram presos, exilados e mortos, no entanto, uma das categorias mais atingida proporcionalmente foi a dos militares.

Segundo levantamento da Comissão Nacional da Verdade/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (CNV/PNUD), no período de 1964-1988, cerca de 6591 militares desde oficiais gerais até soldados, que eram contrários ao golpe militar, foram expulsos das três forças armadas e das polícias estaduais no Brasil. Desse conjunto, foram expurgados 722 oficiais e 5869 praças. Percebe-se pela tabela abaixo, que a Aeronáutica e a Marinha foram as forças com mais militares atingidos entre as praças, com 3190 e 2099 respectivamente, já no exército o número de oficiais expurgados foi de 354, ou seja, número maior se somados os oficiais da Aeronáutica da Marinha, os dados na tabela abaixo, ilustram os números.

Tabela 1: Militares Perseguidos Diagnóstico – CNV/PN UD - Período 1964-1988

Força	Oficiais	Praças	Total
Aeronáutica	150	3190	3340
Exército	354	446	800
Marinha	115	2099	2214
Forças Policiais Estaduais	103	134	237
Total de Oficiais			722
Total de Praças			5869
Total Geral			6591

Fonte: CNV – Comissão Nacional Da Verdade.

Muitos desses militares expulsos e perseguidos após o golpe militar, tentaram articular de várias formas, no Brasil e/ou no exterior a resistência à ditadura militar, como é o caso dos três militares que integraram a “Operação Três Passos”, o coronel R/1² do Exército Brasileiro, Jefferson Cardim de Alencar Osório, 3º sargento da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, Alberi Vieira dos Santos e o 3º sargento do Exército, Firmo Chaves. Os três respectivos militares foram expulsos de suas respectivas corporações militares, logo após o golpe de 1964 e se exilaram no Uruguai³.

2.1 Leonel de Moura Brizola e seus planos de insurreição no Uruguai

Enquanto muitos brasileiros entre civis e militares, buscaram se refugiar fora do Brasil logo após o golpe militar, Leonel Brizola permaneceu no país clandestinamente por mais de um mês, refugiando-se em diversas casas de amigos no Estado do Rio Grande do Sul, até escolher o Uruguai para o exílio, país onde chegou em 7 de maio de 1964. Tudo indica que a permanência no Brasil durante esse tempo, se justifica pelo fato de Brizola ter esperanças de organizar alguma resistência aos golpistas, no entanto, com o passar dos dias ele “percebeu que a população não estava disposta a se levantar contra a ditadura. Sem muitas ilusões, o político pediu à mulher que fosse para junto do irmão no Uruguai” (LEITE, 2015, p. 42). Para isso, “Obteve então a ajuda de Wilson Vargas, ex-deputado, para levar Neuza e os filhos para Montevidéu” (LEITE, 2015, p. 42). Poucos dias depois, em 7 de maio, em uma operação de resgate no litoral

² Refere-se a todos os militares graduados ou oficiais que são transferidos para a reserva remunerada.

³ A título de informações, é necessário dizer que não será possível detalhar nesse artigo, as particularidades do exílio de cada um dos militares acima mencionados, tal análise foi realizada em minha tese de doutorado intitulada “Operação Três Passos (1965): movimento de insurreição e resistência contra a ditadura militar brasileira”, disponível no banco de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Campus de Marechal Cândido Rondon.

do Rio Grande do Sul a cerca de 100 quilômetros da capital, Manoel Soares Leães, piloto de João Goulart aterrissou para resgatar Brizola e levá-lo ao Uruguai.

Ao chegar no exílio, Brizola começou a organizar o retorno ao Brasil através de uma insurreição armada, dessa forma, começa a liderar um grupo de pessoas ao seu entorno. Em relação aos grupos formados em torno de Jango e Brizola, Herbert José de Sousa⁴ em depoimento a Ricardo Gontijo, falou sobre a divisão dos asilados em torno desses dois políticos, disse ele:

Assim que nos instalamos em Montevideú, nos demos conta de que do lado brasileiro, entre os exilados, havia dois grupos. O do Brizola e o do Jango. Lados diferentes, paralelos, que raramente se encontravam e que posteriormente nunca se encontrariam, até a morte de Jango. Em torno do Brizola forma-se o grupo que cria dois tipos de comando, um político e outro militar. O primeiro, pensava na volta ao Brasil, acabar com o golpe pela via revolucionária e retomar o processo interrompido. Ele se constituía pelo próprio Brizola, Neiva Moreira, Max da Costa Santos, Paulo Schilling, coronel Dagoberto, Aldo Arantes e eu [Betinho]. Reuníamos-nos quase todos os dias para discutir (e rediscutir) a situação e traçar (e retraçar) planos. Vivíamos, realmente, o nervosismo de um esquema revolucionário. Não sabíamos muito bem como seria, mas tínhamos certeza que nossa missão era acabar com o golpe (GONTIJO, 1988, p. 89).

Percebe-se que mesmo no exílio, tanto Jango quanto Brizola, cada um com sua estratégia eram lideranças importantes, e congregavam em torno de si, grande número de exilados, evidencia-se que Jango continuou com a postura de antes e durante o golpe em não optar pela luta armada, tentando uma possibilidade de negociação para o retorno ao poder. Leonel Brizola também permanecia com a mesma postura de sempre, em não aceitar negociações pelo alto, sempre acreditando que a única forma de demover os golpistas era através da luta armada. Apesar de Leonel Brizola não descartar a possibilidade de guerrilha, inicialmente ele acreditava mais numa possível sublevação militar com apoio civil, pois, ele tinha muito prestígio com os militares expulsos (das Forças Armadas e da Brigada Militar) e dos militares de esquerda que ainda permaneciam dentro dos quartéis do exército e da Brigada Militar, como veremos a seguir.

Em fevereiro de 1965, as autoridades uruguaias, cederam as pressões da ditadura militar brasileira e confinaram Leonel Brizola no Balneário de Atlântida localizado a 45 km de Montevideú, lá permanecendo até 1971 sob controle policial. Contudo, Brizola não respeitava as normas imposta pelas autoridades uruguaias, tendo inclusive grande liberdade de deslocamento, inclusive era muito comum seu o deslocamento para Montevideú, local que permanecia por longos períodos fazendo suas articulações na organização de uma possível ação armada para derrubar a ditadura militar. A maioria das fontes⁵ utilizadas nesse artigo, indicam que Brizola,

⁴ Mais conhecido como Betinho, sociólogo brasileiro e ativista dos Direitos Humanos.

⁵ Dentre as quais pode ser mencionada, os depoimentos de Jefferson Cardim de Alencar Osório, Alberi Vieiras dos Santos e Firmo Chaves nos autos do processo nº 335/1965; entrevista concedida por José Wilson da Silva para o autor desse trabalho em 18/12/2018 e A obra “O tenente vermelho” de José Wilson da Silva entre outros.

possuía uma assessoria político-militar que colaborava nessa articulação, entre eles pode-se mencionar, o economista Paulo Schilling, Eno Cristiano Becker, tenente-coronel da brigada militar Átila Cavaleiro Escobar, o ex-deputado federal Max da Costa Santos, coronel Dagoberto Rodrigues, tenente José Wilson da Silva, Dilvo Araújo, Moysés Kupperman, tenente Nilo Silveira, Capitão Alfredo Ribeiro Daudt, Paulo Valente, o advogado Elizeu Torres, engenheiro Djalma Maranhão e os estudantes Aldo Arantes e Herbert José de Souza da UNE.

Em torno de Brizola estavam aqueles que não acreditavam numa negociação política com a ditadura militar, e grande parte desses eram do Rio Grande do Sul. Desse modo, formaram uma espécie de grande comando que tinha como integrantes “Neiva Moreira, Paulo Schilling, Max da Costa Santos, coronel Dagoberto Rodrigues, Elizeu Torres, engenheiro Maranhão, eu Aldo Arantes e Betinho colega Herbert José de Souza [...]. A ideia era fazer um trabalho sério de reagrupamento” (SILVA, 2011, p. 135). José Wilson da Silva, a pedido de Brizola, ficou responsável por elaborar o primeiro planejamento para a retomada do poder no Brasil, segundo ele,

[...] fazer um planejamento para ações em Porto Alegre, e se possível para o Rio Grande. Ora, um planejamento sem saber com que contávamos, sem termos, a esta altura, a realidade da situação, era difícil. Mesmo assim, rabisquei uma estrutura mínima capaz de permitir o início de uma ação de resposta, usando militares cassados, militares que contávamos ou viéssemos a contar dentro de determinados quartéis, meios de locomoção e grupos de civis estruturados e sob comando designados. Seria uma ação perecida com a de 1930. Em cima destas exigências mínimas, depois de muitas conversas com Brizola, começamos a levantar e encaminhar o trabalho. A cada contato ou visita de um companheiro, Brizola procurava enquadrá-los numa ponta desse esquema” (SILVA, 2011, p. 136).

Com essa estrutura, e mais um conjunto significativo de ex-militares do Exército e da Brigada Militar, vinculados às mobilizações nacionalistas e a Campanha da Legalidade, que possibilitou a Leonel Brizola criar o MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário). Primeiramente os setores reunidos em torno do MNR, buscaram estabelecer contatos com múltiplos agrupamentos de esquerda que continuavam no Brasil para planejar uma ação pela derrubada da ditadura militar. Dessa maneira, iniciou-se um “trabalho dos então denominados ‘pombos-correios’⁶: exilados que partiam de Montevideú com instruções de Brizola, originando também a ida de militantes brasileiros de esquerda ao Uruguai para o intercâmbio de informações” (LEITE, 2015, p. 77).

Segundo José Wilson da Silva em seu livro “O tenente vermelho” os exilados do sul, até pela proximidade e influência de Brizola, passaram “a desenvolver um intenso intercâmbio de informações. Os emissários passaram a ser constantes, também com muitos exageros e informações nem sempre confirmadas, embora eivadas de boa

⁶ Um dos pombos-correios de Brizola foi Alberi Vieira dos Santos, subcomandante e idealizador da “Operação Três Passos”, de meados de 1964 até 1965, ele fez cinco viagens para o Brasil trazendo e levando informações para Leonel Brizola.

vontade” (SILVA, 2011, p. 135-136). Era de fato um trabalho que exigia elevado nível de complexidade organizacional, principalmente pelo fato de estarem sendo constantemente vigiados pela ditadura militar brasileira em território uruguaio, sendo que, inúmeras vezes os organizadores do movimento não poderiam ter certeza com quem estavam falando, por isso mesmo, a necessidade de fazer frequentes checagens nos colaboradores e nas informações, visto que, o “serviço de informações do regime estava aí mesmo, os aventureiros e conservadores também, e por causa de um deles poderíamos entregar sinceros correligionários” (SILVA, 2011, p. 136).

A primeira edição da obra José Wilson da Silva mencionada acima, é de 1987, e como na sua segunda edição em 2011, não foi feita alterações, o autor portanto não trabalhou com a documentação do CIEX (Centro de Informação do Exército). Todavia, as informações de Silva, coincidem com as informações registradas na documentação do CIEX, mas esse trabalho não deu conta de analisá-la, José Wilson da Silva, um dos assessores de Leonel Brizola no Uruguai, em entrevista concedida para esse estudo em 18/12/2018, afirmou que Jango nunca participou das reuniões e da organização do movimento armado no Uruguai, organização essa, pensada desde os primeiros dias do exílio. Nos primeiros dias de maio de 1964, a primeira reunião entre os exilados para tratar sobre o assunto, foi organizada pelo coronel Jefferson Cardim de Alencar Osório, coronel Pedro Alvarez e o advogado Eliseu Gomes Torres ex-chefe da SUPRA⁷.

Foi discutido nesse encontro a ideia de formar um comando no exílio e entrar em Santa Vitória do Palmar-RS limítrofe com Uruguai, a justificativa da escolha desse município por parte dos organizadores se dava pelo fato de ser um local turístico, a intenção era tomar por meio de uma ação armada essa cidade e pedir ajuda internacional. Em um movimento dessa natureza era muito provável que seriam todos facilmente presos, porém o que motivava alguns para realizar a ação, seria uma espécie de grito internacional a fim de mostrar ao mundo que o Brasil estava vivendo sobre um golpe de Estado. Entretanto, após inúmeras ponderações, foi decidido que não havia condições para essa ação.

Quando Brizola chegou ao exílio no Uruguai, comentou com alguns exilados que havia deixado um esquema no Brasil recolhendo fundo para o pessoal no exterior, dessa maneira, boa parte dos exilados não precisariam buscar a sobrevivência trabalhando no país e assim, poderiam contribuir na organização do movimento armado para retomar o poder no Brasil. Segundo José Wilson da Silva, em entrevista para esse trabalho, afirma que pela aproximação de militância que havia na época entre o PTB e o PCdoB de Porto Alegre, facilitou para que no início de maio de 1965, conseguissem levar o primeiro⁸ militante brasileiro e integrante do PCdoB de Porto Alegre para Montevideú, e este começou a levar pessoas para lá, começando assim, a primeira fase para reestruturar uma resposta que se opunha à ditadura militar a partir do Rio Grande do Sul. Poucos dias após a chegada de Brizola, o hotel onde ele estava hospedado estava cheio de agentes da repressão, por conseguinte, boa parte da organização dessa primeira fase ficou comprometida.

⁷ Superintendência da Política Agrária (SUPRA), órgão hoje, conhecido como Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

⁸ Não mencionou o nome do militante.

Diante disso, houve necessidade de iniciar uma segunda fase de organização com outras pessoas do Rio Grande do Sul, de acordo com José Wilson (2018), ele próprio veio algumas vezes de forma clandestina para Porto Alegre, organizar o movimento. Nessa fase da organização, teve momentos de grandes avanços, dado que, muitos militares que não foram identificados pela ditadura militar e ligados ao ex-governador, permaneceram no exército e na brigada militar.

Devido ao prestígio que Leonel Brizola gozava entre os militares principalmente da brigada, mas também de frações do exército que ainda permaneciam nas unidades militares, em final de 1964, houve uma tentativa de ação armada no Rio Grande do Sul que ficou conhecida como “Operação Pintassilgo”. Parte da Operação estava sob o comando do capitão aviador Alfredo Ribeiro Daudt, expurgado da Força Aérea Brasileira logo após o golpe militar, no entanto ela foi descoberta e desarticulada antes mesmo de seu início,

[...] na tentativa de repetir o que acontecera na Cadeia da Legalidade em 1961, Brizola, que ainda contava com grande simpatia da Brigada Militar, planejou a tomada do Palácio Piratini, sede do governo em Porto Alegre, e o ataque ao quartel da Polícia do Exército. Era a tentativa de desencadear uma sublevação militar com a participação de grupos civis que ficou conhecida como Operação Pintassilgo (LEITE, 2015, p. 77).

Em novembro de 1964, Alfredo Ribeiro Daudt foi preso em Porto Alegre quando embarcava para Montevideu, e tudo indica que essa ida seria para consultar Brizola sobre os últimos detalhes da operação. O capitão Daudt estava de posse de parte do planejamento da ação, na referida documentação apreendida continha detalhes da insurreição, inclusive teria a participação de frações do Exército e da Força Aérea Brasileira, de um contingente significativo da Brigada Militar e de grupos de civis organizados, o objetivo seria tomar diversos quartéis no estado do Rio Grande do Sul. Após “tomar a Base Aérea de Canoas e os quartéis dos 18º e 19º Regimentos de Infantaria. Após essas ações, os asilados atravessariam a fronteira e assumiriam o comando do movimento” (LEITE, 2015, p.19).

Na entrevista, José Wilson da Silva (2018), comenta que após a organização de levante armado passar vários reveses durante o ano de 1964, no início de 1965 as articulações de Leonel Brizola já estavam atingindo o Paraná e o Sul do Mato Grosso, havia gente pra lhes dar cobertura para fazer uma entrada e tomar uma ou duas cidades no Rio Grande do Sul. Pelo fato de terem uma sólida estruturação em Porto Alegre, possivelmente, desembarcariam na capital gaúcha, porém, por problemas de informações, as ações eram sempre adiadas.

Diante das inúmeras postergações em relação ao início da luta armada contra a ditadura militar, o coronel do exército, Jefferson Cardim de Alencar Osório, o 3º sargento da Brigada Militar, Alberi Vieira dos Santos e o 3º sargento do exército Firmo Chaves, e todos exilados no Uruguai, decidiram vir para o Brasil em março de 1965 e promover uma ação insurrecional armada. Mais conhecida como “Operação Três Passos” em função de ter iniciado a ação armada no município de Três Passos, Rio

Grande do Sul, mas o QG⁹ aconteceu no município de Campo Novo, próximo a Três Passos. A escolha da região para iniciar o movimento insurrecional, foi de Alberi Vieira dos Santos, subcomandante do movimento e o planejamento da operação, foi de responsabilidade de Jefferson Cardim de Alencar Osório, que assumiu o comando do movimento. O 3º sargento Firmo Chaves, não participou do planejamento, mas aceitou participar do movimento.

Tudo indica, que os motivos pelos quais, Jefferson Cardim e Alberi escolheram o norte e noroeste do Rio Grande do Sul para iniciar o movimento, deve-se ao fato do quadro social, político, econômico da região, principalmente os conflitos agrários, as vinculações de parte significativa da população com o PTB de Goulart e Brizola, também Jefferson Cardim havia servido em quartéis na região, o vasto conhecimento que Alberi possuía, visto que, havia comandado alguns destacamentos da Brigada militar na região, e como era pombo-correio de Brizola na articulação de um levante armado, aproveitou os contatos e legitimidade, para em nome de Brizola, mas sem seu consentimento¹⁰, iniciar o movimento.

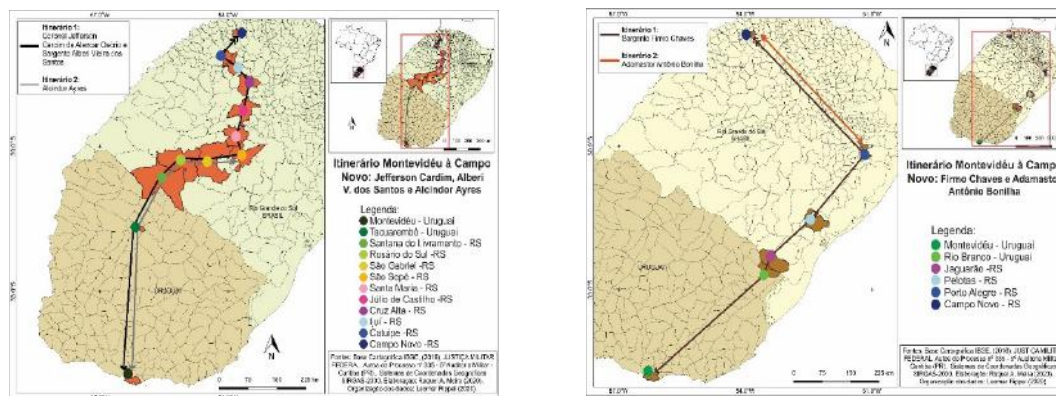
3. Saída de montevidéu para Campo Novo – RS

Faltando poucos dias para completar um ano do golpe e ditadura militar no Brasil, na noite do dia 18/3/1965 às 22h, Jefferson Cardim de Alencar Osório, Alberi Vieira dos Santos e Alcindor Ayres saíram de Montevidéu em direção a Campo Novo – RS, em um táxi contratado e se deslocaram para Rivera. Na mesma noite, outro integrante do movimento, o ex-sargento do exército Firmo Chaves se deslocou de trem até Rio Branco, cidade uruguaia, cruzou a fronteira com o Brasil e foi até Porto Alegre, com intuito reunir mais pessoas, principalmente militares que haviam sido expulsos das fileiras das Forças Armadas e da Brigada Militar após o golpe a irem até Campo Novo-RS a fim de se integrarem ao movimento. Na imagem abaixo, está demonstrado o trajeto dos militares até Campo Novo-R

⁹ Sigla que no vocabulário militar significa Quartel General, ou espaço ocupado por oficiais generais. Nesse estudo, estamos utilizando este termo para nos referirmos ao local de encontro, organização e tomada de decisão para a operação que estava prestes a ser realizada.

¹⁰ A título de informações, é necessário dizer que não será possível abordar nesse artigo, a não participação de Leonel Brizola no referido movimento, tal análise foi realizada de forma pormenorizada em minha tese de doutorado intitulada “*Operação Três Passos (1965): movimento de insurreição e resistência contra a ditadura militar brasileira*”, disponível no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Campus de Marechal Cândido Rondon.

Figura 1: Itinerário Montevidéu à Campo Novo



Fonte: Base cartográfica IBGE (2016). JUSTIÇA MILITAR FEDERAL – Autos do processo nº 335 – 5ª Auditoria Militar – Curitiba (PR). Sistemas de Coordenadas Geográficas SIRGAS – 2000. Elaboração do mapa: Raquel A. Meira (2020). Organização dos Dados: Leomar Rippel (2020).

O primeiro grupo chegou em Rivera no início da manhã do dia 19 de março de 1965, providenciaram outro táxi que deveria conduzi-los para Santa Maria-RS, e por volta das 10h00 da manhã saíram de Rivera e no final da tarde chegaram em São Sepé. Pelo fato de Alcindor Ayres residir nesse município, ali permaneceu na incumbência de tentar angariar mais pessoas e levar até Campo Novo-RS para se integrarem ao movimento. Jefferson Cardim e Alberi, continuaram a viagem até Catuípe-RS, onde dormiram, logo ao amanhecer seguiram para a casa de Silvano Soares dos Santos, irmão de Alberi, situada às margens do Rio Turvo, ali chegaram no início da tarde do dia 20/03/1965.

Jefferson Cardim solicitou a Valdetar ir à cidade de Três Passos, e lá observar a localização da Prefeitura, do correio, dos Postos de Gasolina, dos Bancos, da delegacia de polícia, das casas comerciais, do destacamento da Brigada Militar e do presídio local, bem como as saídas e entradas da localidade. Também no Destacamento, era para Valdetar procurar pelo comandante da guarda a fim de saber a época da inclusão de voluntários na Brigada Militar, e nessa ocasião, procuraria verificar o efetivo, a localização dos materiais bélicos, após isso, deveria elaborar um croqui da cidade com os pontos que julgava estratégicos.

Outra missão dada por Jefferson Cardim a Valdetar, seria tentar atrair mais adeptos ao movimento, desse modo, na mesma noite que seria deflagrado o movimento – dia 26/03/1965, Valdetar que morava próximo da escola rural onde era professor, e também exercia o cargo de presidente do clube de futebol da comunidade, marcou um jantar e uma reunião com os seus integrantes, com a justificativa de tratar assuntos pertinentes ao clube de futebol.

Ao chegar em Porto Alegre, Firmo Chaves, tentou contato com o ex-sargento Araken Vaz Galvão, e por intermédio desse, fazer contato outros ex-sargentos que estariam naquela cidade, e dali seguiriam para Campo Novo-RS, porém, quando chegou na Capital gaúcha, não conseguiu localizar o ex-sargento Arakem. Diante disso, convidou Adamastor Antonio Bonilha, militante do PCB e antigo conhecido de Caxias

do Sul, a integrar-se ao movimento, após ter concordado com o convite de Firmo Chaves, dirigiram-se de ônibus no dia 23 de março para Cruz Alta e no dia seguinte, também de ônibus, foram para Catuípe-RS. Conforme combinado, procuraram o prefeito da cidade de nome Frizo, que determinou o transporte dos dois até Campo Novo-RS, onde se encontravam Jefferson Cardim, Alberi e outros companheiros, ali se hospedaram na casa de Silvano Soares dos Santos, irmão de Alberi Vieira dos Santos.

Alcindor Ayres, que havia ficado em São Sepé-RS para tentar conseguir pelo menos 20 homens a se integrem ao movimento, se deslocou no início da noite do 24/03/1965 para Campo Novo-RS com apenas 4 homens, sendo eles, seu irmão Manoel Ayres, Alípio Charão Dias, Silvino Souza Fraga e Odilon Vieira. Como o próprio Jefferson Cardim de Alencar Osório afirmou em seu diário, ele e Alberi estavam aguardando vinda de Alcindor Ayres com aproximadamente 20 homens e mais 10 sargentos que Firmo Chaves deveria trazer de Porto Alegre. A expectativa de Jefferson Cardim era formar um grupo com aproximadamente sessenta homens, dentre eles 12 sargentos, mas como isso não se concretizou, precisou reformular e deduzir fases do planejamento inicial.

O grupo permaneceu até dia 25 de março em um bivaque¹¹, no sítio de Silvano e, em seguida, um novo QG foi instalado em um galpão no sítio de Euzébio Dorneles em Campo Novo-RS. Logo após o almoço do dia 25 de março de 1965, Alberi saiu para providenciar o transporte do pessoal e um carro para Jefferson fazer o reconhecimento da cidade de Três Passos, todavia, ao regressar por volta das 17h horas, informou a Jefferson Cardim que não havia conseguido viatura. Mas como o início do movimento estava marcado para iniciar naquela noite de 25/03/1965, precisariam impreterivelmente conseguir o transporte até Três Passos, do contrário, a operação teria que ser adiada, mas esse fato, causava muita preocupação ao Jefferson Cardim, já que a vizinhança estava desconfiada daquele grupo de pessoas desconhecidas nas proximidades.

Por isso, ao escurecer, Euzébio Antônio Dornelles mencionou que poderia conseguir um caminhão com seu amigo Nelson Bones. Jefferson Cardim que estava fardado com a divisa de coronel do Exército, comandou o deslocamento, e foram todos caminhando até a residência do Nelson, e solicitaram o empréstimo do caminhão, este os emprestou, mas não poderia conduzir ele próprio o caminhão naquele momento, Jefferson solicitou a Silvino Souza Fraga, o único motorista com experiência do grupo, que tirasse o caminhão da garagem, e iniciasse o deslocamento em direção a cidade de Três Passos-RS.

3.1 Os Camponeses involuntários que integraram o movimento

Dali partiram rumo à Escola Rural onde Valdetar era professor, pois lá estava com mais 7 agricultores, que não tinham a menor ideia do que estava prestes a acontecer. Ao chegar na escola, Jefferson desembarcou do caminhão e entrou na casa onde se encontravam jantando, e determinou o embarque no caminhão. É muito provável que Jefferson Cardim também não sabia que os convidados de Valdetar não

¹¹ Mesmo que buscando sempre o maior conforto, é uma espécie de acampamento rudimentar improvisado, geralmente ao ar livre.

tinham conhecimento do que estava acontecendo. De acordo com os depoimentos de todos os integrantes¹² durante o IPM constante no processo nº 335/1965, tudo indica que dada a confiança que gozava diante dos agricultores, Valdetar organizou-os de forma tal, para o instante em que chegasse Jefferson Cardim e os demais, pudesse passar uma aparência de que não estava sabendo do que se tratava aquela ação, visto que todos acreditaram estarem diante de uma autoridade militar a serviço do Exército. Isso fica mais evidente ainda, quando Firmo Chaves foi perguntado em seu depoimento no mesmo IPM em 24/05/1965 em Porto Alegre, sobre a disposição dos que estavam na escola do professor Valdetar de integrar o grupo, esse respondeu que todos “iam como tontos demonstrando não saberem, ao certo, o que se estava passando” (PROCESSO Nº 335).

Se evidencia tal assertiva, quando Pedro Campos Bones, então com 22 anos em depoimento no IPM em 03 de maio de 1965 constante no processo nº 335, menciona que no dia 25 de março, quando participava de um treino de futebol, como integrante do Esporte Clube 15 de novembro de Lageado Biriba (São Miguel), município de Campo Novo-RS, foi abordado por Valdetar Dornelles, professor da Escola Rural e presidente da associação esportiva a que pertencia. Este o convidou para participar à noite seguinte de uma galinhada que oferecia em sua casa, o encontro segundo Pedro Bones, tinha por objetivo reunir os associados do Esporte Clube, a fim de tratarem da programação de um torneio a ser realizado no mês de maio. Também pediu a Pedro Campos Bones para convidar os demais jogadores para tal reunião.

Outro agricultor que integrou o grupo liderado por Jefferson Cardim, foi Adão Oliveira da Silva, em seu depoimento no 1º Batalhão de Fronteiras em Foz do Iguaçu no dia 03/06/1965 constante no processo nº 335, mencionou que suas relações com o professor tornaram-se mais frequentes a partir de novembro, quando deu baixa do Exército, e tornou-se sócio de um time de futebol do qual Valdetar era presidente. Por isso, no dia 25, durante o treino de futebol, foi convidado por Pedro Bones, para uma galinhada na casa de Valdetar na noite de 26/03/1965, visto que, após o jantar haveria uma reunião para tratar de assuntos de futebol, o referido convite foi a mando do próprio Valdetar. Nesse mesmo sentido, Antônio Riberio Vogt, em seu depoimento, falou que estava treinando futebol perto da casa do professor Valdetar quando o mesmo o convidou para uma galinhada em sua casa, por isso, ao anoitecer compareceu ao local.

Adão ainda se encontrava na mesa, quando chegou o caminhão, desembarcando Jefferson Cardim, dizendo que todos estavam presos, e que ninguém sairia. Ocasão em que Adão, disse que estava acompanhado de seu irmão menor de idade, e este não poderia ser preso em face disso, o coronel determinou que seu irmão saísse. Em seguida, todos embarcaram no caminhão e partiram para Três Passos que ficava em torno de 30 km.

Outro que acabou de forma não voluntária participando do movimento foi Reinoldo Von Groll, que na época tinha 52 anos de idade. Segundo ele, não foi convidado para participar da janta na casa de Valdetar, mas naquele dia, teve notícias de que havia uma correspondência para si, em um bolicho próximo à escola de Valdetar, e por isso, foi busca-la, que no campo da escola estavam alguns conhecidos

¹² Com exceção de Virgílio Soares de Lima que começou a integrar o grupo em Santo Antônio do Sudoeste.

seus, dentre eles, Arsênio Blatt, Pedro Campos Bones, Antônio Ribeiro Volgt, João Batista Figueira, Valdetar e Adão Oliveira da Silva, naquele momento, já haviam terminado de jogar futebol, no boliche também se encontrava João Antônio Jacques. Em seguida, juntamente com seus conhecidos foram para a casa do Valdetar, enquanto preparavam a galinhada, ficaram conversando, tomando chimarrão e falando sobre a construção de um galpão no campo de futebol.

Também João Batista Figueira, em seu depoimento no IPM em dia 25 de março de 1965, disse que por volta do meio dia, estava em sua casa quando Pedro Campos Bones chegou e lhe falou que haveria uma reunião na casa do professor Valdetar, e que o declarante deveria comparecer. Em face disso, ao anoitecer, foi à casa do professor Valdetar, e lá encontrou Adão de Oliveira, Pedro Campos Bones, Reinoldo Vol Groll, Antônio Vogt e Arsênio Blatt todos tomando chimarrão e preparando uma galinhada. Dirigiu-se ao professor e perguntou sobre a finalidade da reunião, e este respondeu-lhe que era para tratar de futebol, que depois da galinhada resolveriam o assunto.

Como deixaram para tratar dos assuntos referentes ao futebol após a refeição, por volta de 22 h enquanto comiam, se aproximou um caminhão transportando vários homens, alguns desembarcaram e entraram na casa, um deles era o coronel Jefferson Cardim de Alencar Osório, estas pessoas disseram pertencer ao serviço secreto do Exército, e que por ordem do general, todos deveriam acompanhá-los. Sem alternativa, todos embarcaram no caminhão

Segundo as afirmações acima, o grupo o qual Valdetar se comprometeu a organizar para fazer parte do movimento, não foi previamente avisado do que se tratava. Valdetar aproveitando de sua credibilidade de professor na escola rural e sabedor de que nas pequenas comunidades, uma das poucas formas de convivência coletiva é justamente a escola e a igreja, organizou uma galinhada com a justificativa de realizar uma reunião de interesse da coletividade. Desse modo, há fortes indícios, de que assim agiu por receio de não conseguir o consentimento dos agricultores para integrar o movimento, a intenção foi surpreendê-los para que não esboçassem reação, em relação às ordens de Jefferson Cardim que se apresentou em nome do Exército.

Pode-se deduzir que Valdetar esperava algumas palavras de Jefferson Cardim direcionada ao grupo, justificando tal ação, mas Jefferson, resumiu-se apenas em determinar a todos para que embarcassem no caminhão. Mesmo assim, Valdetar relutou, indagando que nada fora esclarecido por parte do comandante às pessoas que estavam em sua casa, do que se tratava, mas Jefferson apenas determinou o embarque, diante disso, Valdetar pediu a todos cumprirem as ordens de Jefferson Cardim.

Prosseguiram a viagem em direção a Três Passos, onde chegaram aproximadamente à 1 h da manhã de 25 de março de 1965. Provavelmente com intuito de dificultar a comunicação aos maiores centros, pararam a viatura na entrada da cidade e Jefferson Cardim determinou que Arsênio Blatts e Odilon cortassem os fios de telégrafos e telefônicos. Foram para o Destacamento da Brigada Militar, onde retiraram armas, munição e peças de fardamentos, também detiveram alguns soldados, detendo-os no caminhão que o grupo estava utilizando.

No Destacamento, retiraram aproximadamente 22 mosquetões, uma metralhadora, capacetes, capotes, uniformes, toda a munição existente e alguns revólveres. Enquanto os integrantes do grupo embarcavam o material expropriado no caminhão, (armamento, uniformes, capotes, borzeguins, munições, capacetes etc.), Cardim quebrou a chave, a mesa e o aparelho telefônico da estação de rádio. O jornal curitibano *Tribuna do Paraná*, de 27 de março de 1965, confirma as informações contidas nos autos do processo:

[...] depois de cercarem, pouco depois das duas da madrugada, o destacamento e a cadeia civil da cidade de Três Passos, da pouco guarneçada região do Alto Uruguai, desarmaram os militares, despojando-os do seu armamento e munição, deixando a cidade em seguida. Antes, cortaram os fios telegráficos e telefônicos, e destruíram estações de rádio amadores, isolando a cidade (TRIBUNA DO PARANÁ, 27 de março de 1965)

Após a ação no destacamento entraram no presídio, de onde retiraram 6 mosquetões e toda a munição. Segundo Alberi em seu depoimento ao IPM, tanto no destacamento quanto no presídio, não houve nenhuma reação contrária às ações do grupo, até foram “bem recebidos e só não trouxeram os militares da Brigada de Três Passos porque achou que o número de pessoas já era suficiente para dar a senha a Brizola”. Ao analisar toda a documentação que dispomos sobre o movimento, percebe-se que realmente não houve nenhuma reação por parte dos policiais militares e civis, tanto do destacamento quanto do presídio, até porque Alberi era muito conhecido pelos militares da brigada na região, pois ali havia comandado vários destacamentos antes de se exilar no Uruguai, mas também principalmente pelo fato do Jefferson Cardim estar fardado e com as divisas de coronel.

Já em relação à afirmação de Alberi, sobre o intuito dos mesmos se integrar ao movimento, e não ser aceito pelo fato de acreditar que o número já era suficiente, não acreditamos que proceda, visto que, em inúmeros momentos o objetivo do comando do grupo, era tentar buscar a participação do maior número possível de pessoas, inclusive percebe-se a frustração de Jefferson quando Firmo chegou de Porto Alegre com apenas mais um integrante e Alcindor com apenas quatro homens. Portanto, presume-se que não seria nesse momento, que o comando da operação negaria a contribuição no aumento do efetivo por vários motivos, dentre eles o fato que tiveram que deduzir o assalto ao quartel de Ijuí-RS, justamente pelo reduzido número do efetivo, bem como a maioria dos que integravam o grupo, não tinham nenhuma experiência militar.

Aproximadamente 01h00 saíram de presídio e foram até a estação de rádio, onde Odilon leu o Manifesto à nação escrito por Jefferson Cardim, Alberi também usou o microfone segundo ele, “para dizer que a coluna não havia feito nenhum prisioneiro e que não era intenção de ninguém maltratar qualquer pessoa”. Embora possa parecer extenso o manifesto, optamos em citá-lo, pois há inúmeros elementos importantes no mesmo:

MANIFESTO À NAÇÃO

Nesse momento histórico e decisivo para o futuro de nossa pátria, nós brasileiros e patriotas, militares, intelectuais, estudantes, trabalhadores do campo e da cidade, constituindo às Forças Armadas de Libertação Nacional, nos dirigimos à nação e em particular aos militares do Exército, Marinha e Aeronáutica, e das forças auxiliares de todo território nacional, para dar conhecimento que chegou a hora de salvar o Brasil, com sua soberania gravemente ferida pela intervenção econômica e militar e de restaurar as liberdades democráticas.

A esta altura dos acontecimentos ninguém pode ter mais dúvidas quanto às intenções e os rumos desta ditadura que em uma preconcebida conjura apoiada por forças estrangeiras imperialistas, depôs o presidente eleito pelo povo, rasgou a constituição, desrespeitou as decisões da justiça, afastou arbitrariamente governadores, prefeitos e legisladores, cassando os direitos políticos de autênticos representantes do povo, violou as liberdades sindicais e religiosas, perseguindo e encarcerando trabalhadores do campo, da cidade e sacerdotes, finalmente em sua sanha fascista, extinguiu as organizações intelectuais, estudantis e camponesas, usando sempre para isso impiedosamente a força e a violência sem paralelo em toda história de nossa República;

As metas da ditadura foram atingidas, entregaram as riquezas nacionais ao capital estrangeiro, revogaram a lei de remessa de lucros, criaram uma lei de reforma agrária exclusivamente para resguardar os privilégios dos latifundiários mais reacionários, entregaram as refinarias nacionalizadas aos trustes internacionais, desnacionalizaram a economia brasileira, reduziram a capacidade de consumo da grande maioria da população em consequência da diminuição do poder aquisitivo da moeda, desestimularam a indústria nacional, conferindo vantagens excepcionais aos investimentos estrangeiros e finalmente o custo de vida subindo vertiginosamente acompanhando a espiral inflacionária tudo isso levou ao empobrecimento da maioria das classes trabalhadoras espalhando a miséria e a fome no campo e na cidade, e, ao enriquecimento a minoria que se apoderou do poder;

Nós brasileiros nacionalistas que temos orgulho de nossa pátria, de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, e oitenta milhões de habitantes, tão imensa e rica como as grandes potências, que possui um índice cultural bastante elevado, com suas classes trabalhadoras quer da cidade, quer no campo, esclarecidas e conscientes de seu destino histórico, não podemos PERMITIR DE FORMA ALGUMA, que este governo, ilegal e antipopular, reduza o nosso país a uma simples colônia, humilhando-nos com sua política norte-americano em detrimento não só de nossa economia mas da própria América do Sul;

Mais uma vez o povo gaúcho levanta-se em armas, contra a tirania, opressora, miséria e espoliação, conclamando à luta todos os patriotas contra o inimigo comum, e aos milhares de grupos clandestinos organizados em todo os Estados e territórios que

passem em agir empunhando a bandeira a das forças armadas de libertação nacional, com a sigla “falna”, procurando por todos os meios ao seu alcance destruí-lo ou imobilizá-lo, nos quartéis, navios, bases aéreas, repartições públicas, fábricas, portos, transportes marítimos, ferroviários e aéreos, enfim em todo os setores da atividade nacional, numa luta sem tréguas ao inimigo comum, pois esta causa não nos pertence, é de todos os brasileiros democratas e progressistas que desejam viver sob um regime em que impere a lei, a justiça, a liberdade e o respeito a dignidade humana.

Nós, que constituímos os elementos de vanguarda das forças armadas de liberação nacional, patriotas, aguerridos e idealistas, iniciamos esta marcha histórica conscientes de nosso destino e convictos de nossa missão. Trazendo aos ombros as próprias armas que se voltaram contra o povo, e requisitaremos daqui por diante todos os meios necessários para cumprirmos o nosso juramento, liquidar para sempre o inimigo do povo, preferindo morrer como heróis a viver como covardes. FORÇAS ARMADAS DE LIBERAÇÃO NACIONAL (PROCESSO, Nº 335/1965).

Apesar de o manifesto basicamente falar por si, é importante destacar que Jefferson tinha posicionamentos claramente de esquerda, assim como uma compreensão relativamente profunda da realidade econômica, social e política do Brasil. Podendo afirmar inclusive, seu posicionamento na defesa da classe trabalhadora, tentando em seu discurso unificar o conjunto de trabalhadores brasileiros, como os militares, estudantes, trabalhadores do campo e da cidade, mas conclama em particular os militares das três forças armadas e das forças auxiliares, para salvar a soberania nacional e as liberdades democráticas, gravemente ferida pela ditadura militar.

Outro aspecto relevante no manifesto, diz respeito ao apoio das forças estrangeiras imperialistas na deposição de João Goulart, e na instauração da ditadura militar, violando um conjunto de liberdades individuais e coletivas, perseguindo o povo trabalhador com uma violência impiedosa e sem precedente na história da república. De acordo com o manifesto escrito por Jefferson, a ditadura militar atingiu a sua meta, entregando as riquezas nacionais ao capital estrangeiro, revogando a lei de remessa de lucros, criando uma lei de reforma agrária para resguardar exclusivamente os privilégios dos latifundiários mais reacionários do Brasil. Percebe-se, através de seu nacionalismo uma dura crítica em relação a estrangeirização da economia e a subalternização dos interesses brasileiros em relação aos interesses estrangeiros.

Da estação de rádio foram para a delegacia de polícia de Três Passos-RS, mas não entraram, permanecendo ali em conversa pessoas que se aproximavam, entre elas, estavam o delegado de Polícia Altino e o Inspetor de Polícia local que foi atingido pelo Ato Institucional. O delegado ofereceu ao grupo um caminhão Mercedes Benz que estava retido num posto de gasolina por não estar com sua documentação em dia, sendo que o próprio delegado os conduziu ao local, onde determinou a um funcionário realizar a entrega da viatura a Silvino Souza Fraga, motorista do grupo e ali deixaram o outro caminhão.

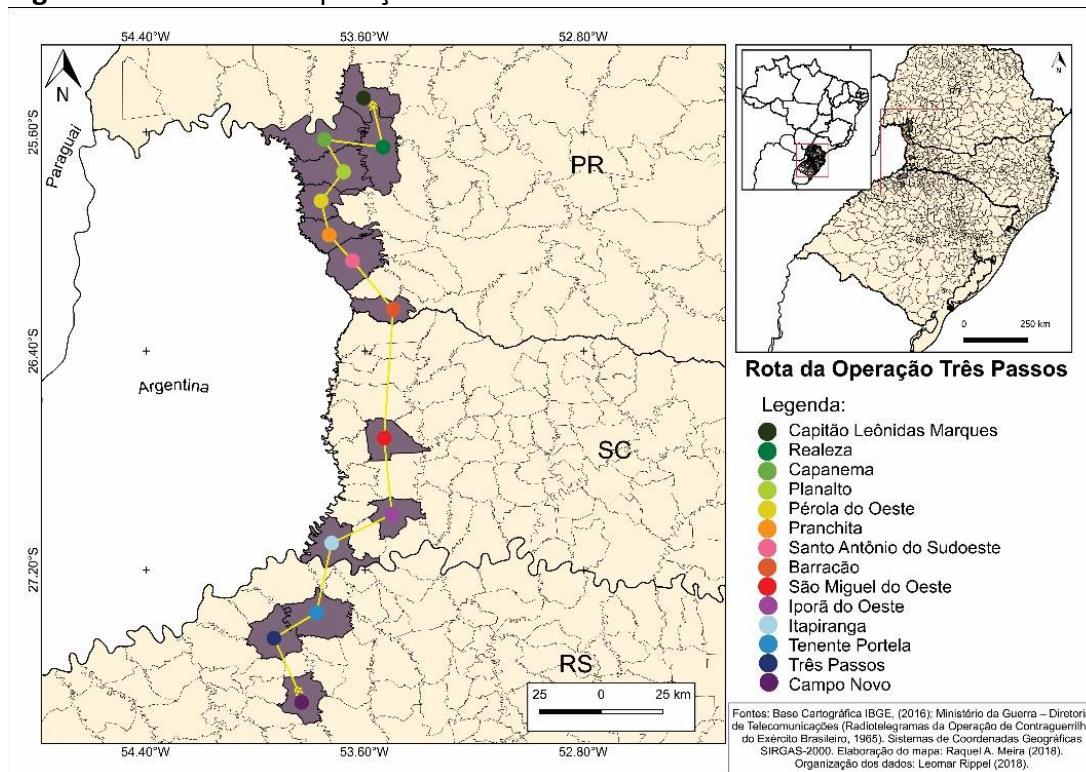
O grupo se deslocou para a residência do gerente do Banco do Brasil, localizada no pavimento superior do banco. Bonilha, responsável por essa etapa da operação, e mais dois integrantes do grupo já se encontravam no local. Tocaram a campainha, sendo atendidos pelo próprio gerente do banco, conforme consta no diário de Jefferson Cardim, ele se dirigiu ao gerente do banco nas seguintes palavras: “Queremos dinheiro, rebentou a revolução contra o golpe em todo o Rio Grande, o III Exército já aderiu e neste momento Brizola deve estar chegando a Porto Alegre, precisamos de dinheiro para o nosso deslocamento” (CARDIM, s/d, p. 06). No entanto, o gerente não entregou o dinheiro, afirmando existir no cofre, uma fechadura clavicular composta por duas chaves, sendo uma de posse dele e outra do subgerente que, por sua vez, estava em Ijuí. Bonilha sugeriu arrombar o cofre, mas, segundo Cardim, o grupo não possuía ferramentas adequadas, além do mais não havia tempo suficiente, de modo que indicaram ao gerente que se recolhesse.

Ao mesmo tempo que se realizava a operação no Banco do Brasil, Alcindor Aires,—organizou um patrulhamento revistando todos os carros que entravam na cidade e detendo todos aqueles que tentavam sair durante a operação. Durante a revista, Aires encontrou, dentro de um dos carros, uma pasta de couro com mais de mil contos em notas de cem cruzeiros. Levando o dinheiro e o motorista até Jefferson Cardim que lhes advertiu dizendo que não “somos ladrões somos revolucionários, não vá dizer que roubamos o seu dinheiro”. Esse fato foi registrado em uma das manchetes jornalísticas do período:

[...] enquanto o coronel estava no banco, seus homens detinham, na rua, todos os passantes. Uma dessas pessoas foi o chofer Ornélio Renz, dono de um carro de aluguel. Perguntaram-lhe se portava armas e respondeu que não. Mesmo assim, passaram-lhe revista; depois, foi mandado embora. O mesmo aconteceu com um colono que chegava à cidade, trazendo uma bolsa de 800 mil cruzeiros. Revistaram-no, mas não lhe tiraram o dinheiro (FATOS/FOTOS, 10 abril, 1965).

Em frente da delegacia, Jefferson Cardim agradeceu ao comissário pela eficiente colaboração, liberou as praças da BM que estavam presos no caminhão e lhes devolveu alguns armamentos. Neste momento, já havia passado duas horas desde o início da operação resultando em um atraso de uma hora do previsto, segundo Cardim, o atraso foi ocasionado devido à demora na execução das operações na rádio e no Banco do Brasil. Era aproximadamente 02h da madrugada, numa quinta-feira do dia 26 de março de 1965, quando o grupo saiu em direção a Tenente Portela embarcando num caminhão Mercedes-Benz, ano 1964, conduzido por Fraga. Na cabine iam Alberi e Jefferson Cardim, na carroceria iam os outros integrantes do grupo.

Figura 2: Itinerário da Operação Três Passos



Fonte: Base cartográfica IBGE (2016). Ministério da Guerra – Diretoria de Telecomunicações (Radiotelegramas da Operação de Contraguerrilha do Exército Brasileiro, 1965). Sistemas de Coordenadas Geográficas SIRGAS – 2000. Elaboração do mapa: Raquel A. Meira (2018). Organização dos Dados: Leomar Rippel (2018).

Poucos minutos faltavam para as 03h00 quando o grupo chegou a Tenente Portela-RS. Por se tratar de uma cidade pequena, os habitantes estavam todos dormindo e as luzes todas apagadas, com exceção da polícia militar, para onde o grupo se dirigiu. Ao pararem o caminhão, Jefferson e Alberi desembarcaram, enquanto os demais ficaram no caminhão aguardando ordens, Jefferson abriu a porta do destacamento, e constatando que o sargento estava sozinho, ordenou que Alberi executasse o pedido de entrega das armas. O sargento, no entanto, não acatou a ordem e tentou fechar a porta, diante desta ação, Alberi apontou o revólver 38 para o referido sargento e este, saiu correndo pelo corredor pulando a janela em seguida. Nesse momento, Firmo, Ayres e Bonilha desceram do caminhão, Cardim ordenou que eles quebrassem as instalações da delegacia e carregassem diretamente no caminhão todo o armamento e equipamento disponível. Enquanto a ação se desenrolava, Jefferson Cardim sentou-se na mesa do sargento, quebrou o quadro e rasgou a foto do governador Ildo Meneghetti que estava pendurada (DIÁRIO DE CARDIM s/d, p. 07)

No destacamento, os integrantes do grupo do Cardim destruíram a “mesa da radiotelegrafia, telefone, quadros de autoridades da Ditadura e do General Fascista-Golpista Castelo Branco, etc.” (DIÁRIO DE CARDIM s/d, p. 07). Por ordem do próprio Cardim, o grupo devastou todo o destacamento policial e, antes de partirem, o grupo avistou as luzes acesas da agência de Correios e dos Telégrafos, e entraram nas dependências, inutilizaram a estação, o telefone e a radiotelegrafia.

Visando cruzar o rio Uruguai, após concluída a operação em Tenente Portela-RS, o grupo se deslocou para Itapiranga-SC, e lá chegando, assaltaram o destacamento militar, como havia apenas um praça no destacamento, e diante da superioridade de homens, não houve nenhuma dificuldade na expropriação do material. Dali retiraram o pouco armamento existente, uma máquina de datilografia, um mapa do Estado de Santa Catarina e um mapa do Brasil.

Prosseguiram viagem, e ao amanhecer o grupo parou para tomar café em um hotel, em Iporã-SC. Enquanto tomavam, Jefferson com seu rádio, ouvia as notícias suas ações em Três Passos, Tenente Portela e Itapiranga. Foi nesse momento, que segundo ele, percebeu que não teria adesão ao movimento.

Como não houve nenhum apoio como rebeliões nos quartéis tanto do Exército quanto da Brigada Militar ou qualquer tipo de apoio em relação às ações do grupo, Jefferson, Alberi e Bonilha, passaram a organizar um plano de fuga. Por estarem juntos a fronteira com a Argentina, discutiram a possibilidade de se refugiarem naquele país. Segundo Jefferson, Alberi sugeriu que a melhor hipótese seria conduzir o grupo até o seu sítio próximo a Santo Antônio do Sudoeste-PR, pois havia alimentação para todo o grupo e lá poderiam traçar um plano de fuga para o Mato Grosso.

Contrariando tal versão, em seu depoimento ao IPM, Alberi Vieira dos Santos disse que em Iporã-SC, quando o grupo estava discutindo como proceder, argumentou que o grupo deveria entrar em território argentino, contudo, Jefferson lhe respondeu que não havia perigo naquele dia 27 de março, porque o Exército só poderia prosseguir no dia 28, que o melhor seria ir em direção a Mato Grosso.

Não se sabe quais das versões está de acordo com os fatos, mas percebe-se que tanto Jefferson quanto Alberi, não imaginavam que pudesse haver um cerco tão rápido das tropas do Exército sobre o grupo que comandavam, nem como proceder após tais ações. Isso indica que o planejamento da referida operação iria somente até a divisa com Santa Catarina.

Conforme Jefferson Cardim em seus depoimentos no IPM que constam no processo nº 335/1965, havia um processo de articulação entre Brizola no Uruguai com ex-coronel da Aeronáutica Emanuel Emanuel Nicoll exilado na Bolívia. Nesse sentido, como Alberi esteve no Mato Grosso a pedido de Brizola, contribuindo na articulação de um plano de luta armada, possivelmente seja esse o motivo pelo qual eles optaram em ir para Mato Grosso.

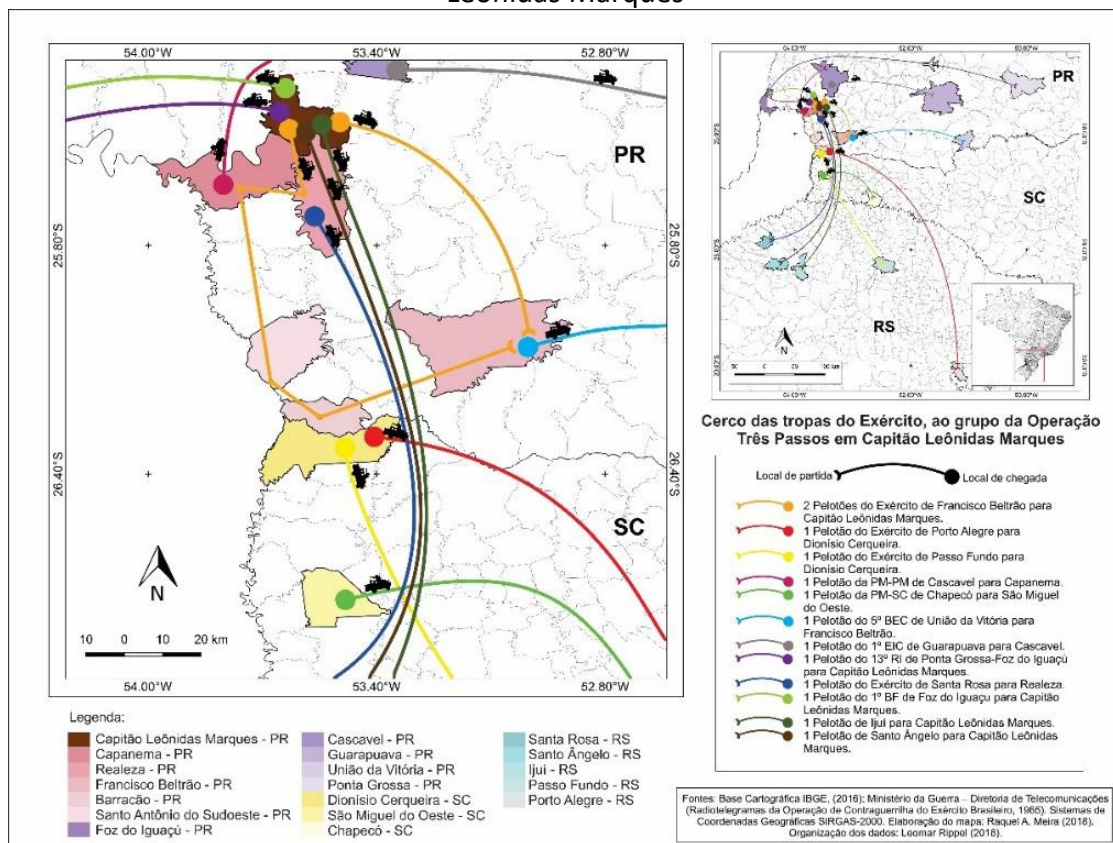
De Iporã-SC, se deslocaram para Santo Antônio do Sudoeste-PR, antes passaram pela barreira do posto fiscal na divisa de Santa Catarina com o Paraná, no local havia uma corrente formada por militares e pelo chefe do destacamento que, prontamente, prestaram continência abrindo passagem para o grupo. Entretanto, segundo Jefferson, o chefe encarou-os “com uma cara de desconfiado e deve ter telefonado a Curitiba comunicando a nossa passagem” (CARDIM, s/a, p. 09).

Analisando as fontes militares, tudo indica que o chefe do destacamento descrito por Jefferson Cardim de fato comunicou às autoridades militares sobre a passagem do grupo na divisa de Santa Catarina com o Paraná, já que, às 14h28, a 1ª/13ª recebeu novo radiograma do comando da 5ª RM/DI de Curitiba informando que o grupo estava em Barracão e, às 15h15, outro rádio também da 5ª RM/DI,

descreveu que o grupo havia passado por Barracão às 12h50 e havia se deslocado em direção a Santo Antônio do Sudoeste, Capanema e Foz do Iguaçu.

Havia uma série de preocupações em relação ao movimento, pois até então o Exército não possuía uma dimensão exata do mesmo, uma das preocupações era uma possível adesão de populares ao movimento, por isso em comunicar que o grupo estava vestindo uniforme militar, tanto do Exército, quanto da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, possivelmente pelo fato de entenderem que essas informações poderiam facilitar a identificação dos integrantes do grupo. Essa informação, porém, também tinha por objetivo levar ao conhecimento dos civis os detalhes da operação com o fim de dificultar a adesão das camadas populares ao movimento. Isto porque, desde sua instalação em 1954, o exército manteve um relativo prestígio na Região Sudoeste do Paraná, principalmente por ter prestado auxílio ao GETSOP (Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná) na medição e legalização jurídica das terras.

Figura 3: Cerco das tropas do Exército, ao grupo da Operação Três Passos em Capitão Leônidas Marques



Fonte: Base cartográfica IBGE (2016). Ministério da Guerra – Diretoria de Telecomunicações (Radiotelegramas da Operação de Contraguerrilha do Exército Brasileiro, 1965). Sistemas de Coordenadas Geográficas SIRGAS – 2000. Elaboração do mapa: Raquel A. Meira (2018). Organização dos Dados: Leomar Rippel (2018).

Às 12h55 do mesmo dia, o Capitão Miscow, da 5ª RM-DI, enviou para a 1ª/13ª RI o rádio nº 130 ordenando que a unidade militar ficasse em situação de prontidão¹³ até o recebimento da nova ordem de reconhecimento na região. Após quarenta e cinco minutos, a unidade militar recebeu o rádio nº 318-E3 enviado pelo General Carmo, determinando o deslocamento urgente de um pelotão armado, municiado e comandado por um oficial, a fim de interceptar o grupo. O rádio autoriza também a requisição de viatura, combustível e lubrificante de civis e do poder público para a operação. Evidencia-se, portanto, que o exército não dispunha de condições materiais suficientes para uma operação que imaginavam ser de guerrilha, indicando que a ação contra a ditadura militar brasileira pegou o Exército de surpresa.

A ditadura militar brasileira, através do 3º exército e da 5ª RM/DI, nas primeiras horas do dia 26 de março, traçou a estratégia militar de cercar o grupo de Jefferson o mais rápido possível, e com o maior número possível de militares da região do sul do Brasil. Foram deslocados para a região 13 pelotões, sendo 11 do Exército, 1 pelotão da Polícia Militar do Paraná e mais 1 da Polícia Militar de Santa Catarina, não há, no entanto, números exatos do efetivo militar mobilizado na operação. A quantidade exata de militares que podemos afirmar através da análise da documentação que dispomos é apenas referente à 1ª/13ª BI, de Francisco Beltrão, e ao 13º BI, de Ponta Grossa, entretanto, o número do efetivo de um pelotão militar varia de vinte e cinco até cinquenta militares, sendo que todos os pelotões sobre os quais dispomos de números possuem, no mínimo, quarenta militares. Assim, adotando um número intermediário em cada pelotão, percebe-se, que foram mobilizados, nos três Estados do Sul do Brasil, aproximadamente 600 militares durante a operação de interceptação.

Pouco antes do grupo liderado por Jefferson Cardim chegar a Santo Antônio do Sudoeste-PR, segundo Jefferson Cardim, a convite de seu sobrinho Alberi, começa a integrar o grupo Virgílio Soares de Lima, contudo, Virgílio Soares de Lima, em entrevista concedida ao pesquisador Valdir Sessi, no dia 25 de fevereiro de 2014, e publicada na obra *“Combatentes: tempos de falar: depoimentos da audiência pública da Comissão Estadual da Verdade do Paraná”*, diz que, ao chegarem em sua casa “o Coronel e todos os outros companheiros”, Jefferson lhe pediu para atuar como guia até Ponta Porã, pois estavam “a serviço secreto do Exército. Aí eu fui. Depois que nós viajamos um pouco, eu já senti diferente, não era como ele estava dizendo” (SILVA; BATISTA, 2016, p. 50). Lima afirma ter aceitado atuar como guia com o grupo, pelo fato de que dois sobrinhos seu, Alberi Vieira dos Santos, Silvano Vieira dos Santos, estarem integrando o grupo.

Após o ingresso de Virgílio Soares de Lima ao movimento, o grupo foi até a cidade de Santo Antônio do Sudoeste-PR para reabastecer o caminhão, e enquanto se processava o reabastecimento aproximou-se um sub-tenente da Força Pública Estadual, solicitando o comparecimento do coronel Jefferson à delegacia de polícia local, porém, Jefferson recusou o convite. Em seguida, foram ao sítio de Alberi Vieira dos Santos, onde pretendiam almoçar, todavia, ao tomarem conhecimento através do rádio, que o caminhão já estava sendo procurado no Estado do Paraná, embarcaram

¹³ De acordo com o Ministério da Defesa, prontidão “É definido como a capacidade de pronto atendimento da Força para fazer face às situações que podem ocorrer em ambiente de combate. A prontidão fundamenta-se na doutrina, organização, adestramento, material, educação, pessoal e infraestruturas, fatores determinantes para a geração das capacidades requeridas a uma Força com prontidão operativa” (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2014, p. 55).

novamente e rumaram por estradas pouco transitáveis (sempre muito próximo da fronteira com a Argentina) até Aparecida do Oeste. Nesse ínterim, passaram por Pérola D' Oeste, Capanema e Realeza até chegarem nas margens do rio Iguaçu, por volta das 16h00, o grupo foi avistado por um avião da FAB que estava fazendo o reconhecimento da área, no intuito de localizar o grupo e o trajeto que estava sendo percorrido.

Figura 4: Localização do caminhão pela FAB



Fonte: REVISTA MANCHETE, 10 de abril de 1965

A aeronave que Jefferson Cardim se refere, de fato, consta num dos radiotelegramas enviado para a 1ª/13ª RI pelo comandante do 3º Exército, General Joaquim Justino Alves Branco. O referido general se encontrava em Foz do Iguaçu, devido à vinda do General Castelo Branco para a inauguração da Ponte da Amizade. No radiotelegrama, foi comunicado que o grupo de Jefferson foi localizado pela FAB, na Região de Pérola do Oeste às 18h10. A essa altura, intensifica-se ainda mais o cerco que os militares fazem ao grupo.

Ao cruzarem de balsa o rio Uruguai, o grupo chegou em Capitão Leônidas Marques-PR por volta de 23h00, em um bar-restaurant providenciaram 22 sanduíches com salame, e após a refeição, deslocou-se aproximadamente dez quilômetros em direção a Cascavel-PR, camuflaram o caminhão na mata e todos pernотaram na encosta de uma roça de milho.

3.2 O confronto com as tropas do Exército: o fim da Operação Três Passo e a prisão de seus integrantes

Na manhã do dia 27, enquanto retiraram todo o material do caminhão e camuflagem do mesmo, Jefferson, Alberi e Bonilha foram para Capitão Leônidas Marques tentar contato com o subdelegado Arelino Alves Dorneles¹⁴, bem como comprar alimentos para o grupo. Porém, após caminharem cerca de 2 quilômetros, uma viatura do Exército com vários militares os ultrapassou, com isso, decidiram, que Alberi e Adamastor Bonilha continuariam a caminhada até a cidade e Jefferson Cardim regressaria junto ao grupo.

Ao chegar no local onde os outros integrantes se encontravam, todos muito bem camuflados, inclusive o caminhão, Jefferson chamou todo o grupo, esclareceu a situação e determinou que todos se armassem pois havia passado uma patrulha do Exército numa viatura e iriam prendê-la, diante disso, todos se deslocaram em direção da estrada principal, quando estavam se aproximando da estrada, ouviram o ruído de uma viatura que se aproximava, nesse momento Jefferson ordenou para que todos tomassem posição e deitassem na mata a beira da estrada.

No leito da estrada havia uma lombada com vegetação densa de ambos os lados, o que dificultava a visibilidade, a vantagem, porém, era de que o grupo liderado pelo Cardim, sabia a direção que se deslocava o caminhão do Exército, dessa forma, assim que o caminhão chegou ao topo da lombada, Cardim ordenou a rendição do pelotão dando-lhes ordem de prisão, a surpresa fez com que todos os militares pulassem da viatura, havendo um troca de tiros entre os dois grupos, sendo que, no confronto morreu o 3º Sargento Carlos Argemiro de Camargo

O tiroteio aconteceu num terreno em que ambas as tropas tinham dificuldades visualizações, devido à vegetação formada por um cipóal “que se formava em torno de grandes arbustos abundantes de folhagens e o chão coalhado de vegetação com espinhos, muito peculiar em toda selva” (CARDIM, s.a, p. 11). Além da falta de preparo que os militares tinham para esse tipo de operação, também não tinham certeza do efetivo que integrava o grupo liderado por Cardim, tampouco noção da direção exata do grupo, diante disso, acreditavam estarem cercados por todos os lados.

Mesmo com imensa bravura, as fragilidades do movimento comandado por Jefferson Cardim, ficou evidente no primeiro e único confronto, enquanto ainda havia a troca de tiros, seu grupo se dispersou de forma muito rápida. A maioria dos integrantes, não faziam ideia do que estava acontecendo em seu conjunto, e não tinham a menor noção de como manusear o armamento no momento do confronto, tanto é que, a maioria foi preso no primeiro e/ou segundo dia após o confronto, inclusive o comandante Jefferson foi o primeiro a ser preso pelos militares, a maioria se apresentou livremente às forças militares do Exército, e após a prisão foram barbaramente torturados.

¹⁴ Como Alberi Vieira dos Santos, veio do Uruguai para o Brasil como mensageiro de Brizola na articulação de um movimento armado para a derrubada da ditadura militar, pelo menos 5 vezes de meados de 1964 até início de 1965, Arelino Alves Dorneles, havia se comprometido com Alberi a aderir ao movimento.

Considerações finais

Como ficou observado no artigo, Brizola desde o início de seu exílio no Uruguai, organizou e articulou a luta armada com intenção de derrubar a ditadura militar no Brasil. Num primeiro momento, até meados de 1966, Brizola e seu grupo tentavam organizar a derrubada da ditadura militar brasileira, por meio de uma quartelada, ou seja, com apoio de militares de esquerda das Forças Armadas Brasileiras e da Brigada Militar, tanto da ativa, quanto dos expurgados, visavam tomar alguns quartéis no estado do Rio Grande do Sul, e a partir disso, nacionalizar a quartelada, estilo o golpe de estado de 1930. E foi justamente esse o contexto que ajudou a produzir a Operação Três Passos. Mesmo sem apoio de Leonel Brizola e do seu grupo que estavam articulando a quartelada no Brasil, Jefferson Cardim de Alencar Osório e Alberi Vieira dos Santos, acreditavam através da eclosão do movimento, dar início a um movimento mais amplo no Rio Grande do Sul, e a partir disso, nacionalizar a resistência contra a ditadura militar.

Referências

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento Econômico Brasileiro**: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRASIL, Exército Brasileiro. **Relatório de Operação**: 1º Tenente Juvêncio Saldanha Lemos, Comandante do Pelotão da 3ª Companhia de Infantaria da cidade de Francisco Beltrão PR, 03 Abr. 1965.

CNV – Comissão Nacional Da Verdade.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Nacionalismo como Projeto de Nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.). **Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2007.

FATOS/FOTOS. 10 de abril de 1965, ano V, nº 219. Brasília.

GONTIJO, Ricardo. **Sem vergonha da utopia (Conversas com Betinho)**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

JUSTIÇA MILITAR FEDERAL, **IPM**, processo nº 335/1965.

JUSTIÇA MILITAR FEDERAL. **Denúncia**, processo nº 335/1965

KUNHAVALIK, José Pedro. **Os militares e o conceito de nacionalismo**: disputas retóricas na década de 1950 e início dos anos 1960. Tese de Doutorado: Florianópolis, 2009.

LEITE, Maria Cláudia Moraes. **A trajetória política de Leonel de Moura Brizola no exílio Uruguaio (1964-1977)**. Dissertação de mestrado em História. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os Anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano. O Tempo da Experiência Democrática**: da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OSÓRIO, Jefferson Cardim de Alencar. **Diário**. s/d.

PADRÓS, Enrique Serra. O Uruguay como alvo da ditadura brasileira de segurança nacional. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 91-110, dez 2014.

Revista do Clube Militar. Rio de Janeiro, nº 96, Abril de 1949.

REVISTA MANCHETE. **Este homem quis incendiar o país**. 10 de abril de 1965

SILVA, Carla Luciana; BATISTA, Alfredo Aparecido. **Combatentes**: tempos de falar. Depoimentos da audiência pública da Comissão Estadual da Verdade do Paraná. Cascavel: Edunioeste, 2016.